

A ARBORIZAÇÃO URBANA COM ESPÉCIES NATIVAS DO CERRADO NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE NERÓPOLIS

Satie Helena Takahassi Itii, Roberto Malheiros, Agostinho Carneiro Campos

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar a valorização das espécies nativas usadas na arborização urbana como patrimônio da cidade. Para análise e obtenção dos dados, foi eleita a cidade de Nerópolis –Go , priorizando a parte do centro histórico como foco de observação e estudo. As informações foram obtidas através de um levantamento utilizando o recurso da oralidade e a catalogação *in loco* das espécies existente no local. Registra a história da urbanização a expansão urbana, a origem de sua comunidade e os motivos que impulsionaram o crescimento da cidade ao longo dos anos. E por fim, são apresentados dados obtidos que demonstram que as espécies vegetais nativas da região não foram contempladas na paisagem histórica- urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Arborização; Patrimônio Cultural; Espécies Nativas, Cerrado, Nerópolis.

INTRODUÇÃO

A arborização urbana iniciou na Europa a partir de 1800, nas cidades de Londres e Paris onde árvore passou a fazer parte da malha urbana. No Brasil em pleno século XVII foi registrado em Recife o primeiro núcleo preocupado a dispor a arborização de forma planejada, que foi retomada no século XIX com forte influencia Europeia. Que segundo Macedo (1999) Recife, então denominada Cidade Maurícia foi o primeiro núcleo urbano, a dispor de arborização de rua do continente americano, sendo o Palácio de Friburgo o primeiro parque construído no Brasil.

Segundo autor referendado anteriormente no século XIX assinalam no Rio de Janeiro o ajardinamento dos principais logradouros públicos, que já é decorrente de novos hábitos, sendo implementado com a arborização urbana, de calçamento sistemáticos de ruas, criando uma nova paisagem urbana que colabora na identificação da pequena elite em emergência com seus pares europeus.

No século XX Santos e Teixeira (2001) afirmam que, a expansão urbana irrompeu com grande expansão imobiliária, abertura de ruas e avenidas, surto da industrialização, êxodo rural, e outros fatores que alteraram a fisionomia das cidades.

A árvore como elemento estruturador de espaços é responsável por qualidades estético-visuais e de bem-estar, passa a constituir um problema urbano, quando decorrente de planos ineficientes, inexistência de políticas no setor, improvisos e falta de conscientização.

Na bibliografia consultada não se encontrou dados para Goiás, apesar de Goiânia capital do estado de Goiás apresentar sinais de uma preocupação com a arborização urbana, este dado é registrado na arborização da praça cívica. Para as demais cidades do interior não existem registros de um passado preocupado com a arborização planejada.

O município de Nerópolis inicia sua historia no período entre 1890 á 1930, com a ocupação proveniente da migração do sul e sudeste do país, em busca de terras para o plantio de café. A antiga estrada que ligava Anápolis as demais regiões, também foi um dos motivos para o surgimento da cidade.

Uma das primeiras famílias a ocuparem as terras do município foi a do Sr. Joaquim Taveira, que em 1894, já exploravam as margens do Córrego Capivara, onde constrói a sede da fazenda, que posteriormente com a chegada de outros familiares, constitui-se em um aglomerado de residências ao seu entorno que ficou conhecida como "Matinha dos Taveiras".

Em 1898 ocorre uma mudança de nome de "Matinha dos Taveiras" para Campo Alegre. Já em 1918, Campo Alegre eleva-se a categoria de distrito, sob a jurisdição do município de Anápolis. Posteriormente, o nome "Campo Alegre" foi extinto e a localidade passa a ser denominada "Cerrado". Em 1930 recebe o nome de Nerópolis em homenagem ao senador Nero Macedo que na época teria prometido para a população a passagem da estrada de ferro que ligaria

Anápolis a capital Goiânia, interligando as cidades que a partir desse período vive uma grande expansão com a chegada dos imigrantes italianos e japoneses, nesse processo em 1948 Nerópolis deixa de ser distrito de Anápolis e se eleva a categoria de município.

A área territorial do município recém emancipada é de 249 km² de extensão, está localizado na microrregião do Mato Grosso Goiano, conforme demonstrado no mapa de localização, (Figura 01). Nerópolis limita-se, ao norte, com os municípios de Ouro Verde de Goiás e Anápolis, ao sul, com os municípios de Goianápolis e Goiânia, a leste, com o município de Terezópolis e, a oeste, com os municípios de Nova Veneza e Santo Antônio (ARCA, 2003).

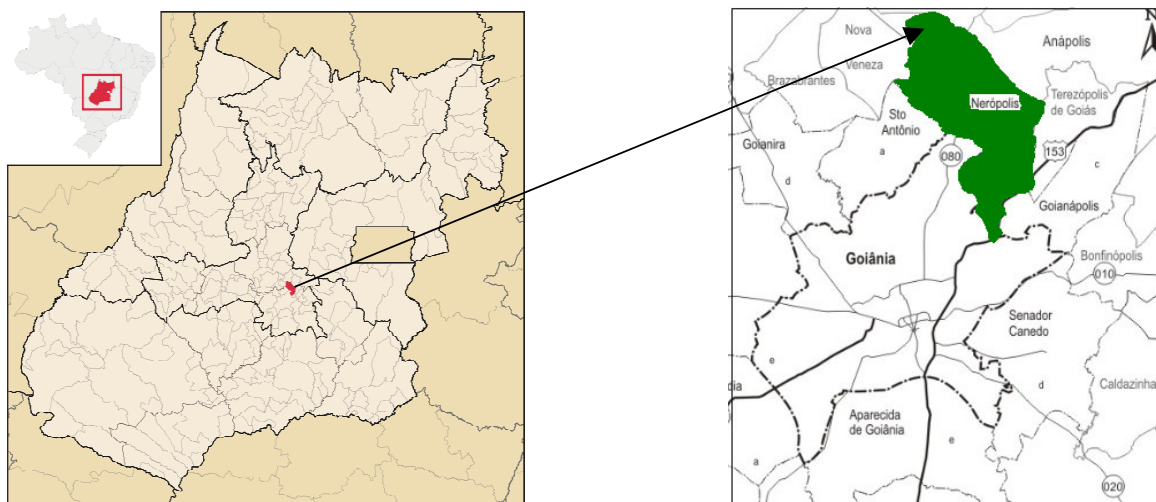


Figura 01: mapa de localização do município de Nerópolis – mesorregião do centro sul. Fonte: Arca 2003.

Atualmente segundo dados registrados pelo censo do IBGE (2010), o município possui uma população de 24.032 habitantes sendo que 23.229 habitantes encontram-se na área urbana.

O sítio urbano possui uma área total de 18,32km² (Secretaria de Planejamento Urbano do Município de Nerópolis) localizada na porção noroeste do município. A história do parcelamento urbano inicia a partir da formação da parte central, que tem início em 1904 a 1950 com o primeiro parcelamento, o segundo período do parcelamento ocorre entre as décadas de 60 e 70, com o surgimento dos bairros, sendo o primeiro o bairro Botafogo na década de 60, ainda no segundo período surgem os bairros Jardim América (1974) e o parque das Américas (1979). O terceiro período, principalmente na década de 80 é marcada por uma acentuada expansão, com a aprovação de seis novos loteamentos. A década de 90 marca o quarto período da expansão com 12 loteamentos regulares e outros irregulares desconfigurando o traçado da cidade. Todos esses loteamentos estão registrados no Cartório do 1º ofício desse município. (Cartório do 1º Ofício- Livros de Registros de Imóveis).

No início da urbanização a planta da cidade possuía uma configuração ortogonal das quadras e ruas, refletindo um planejamento ordenado. Este traçado não progride em virtude dos parcelamentos citados anteriormente, as quadras abandonam a ortogonalidade e a malha urbana expande desordenada.

O novo traçado não contempla os espaços públicos como praças, área de preservação e o planejamento da arborização, a configuração dos loteamentos procura maximizar o máximo possível o espaço aumentando o número de lotes, consequentemente contribuindo para o surgimento e evolução dos problemas ambientais urbanos.

Os documentos consultados e a planta da malha urbana da cidade (Figura. 02) demonstram que Nerópolis surgiu de um planejamento urbano, verificado em poucas cidades com este porte, no entanto, não se constata um plano para arborização, nem tão pouco havia o interesse em preservar as espécies nativas existente no local, pois a ideia pairava apenas no sentido da expansão e novas edificações (ARCA, 2003).

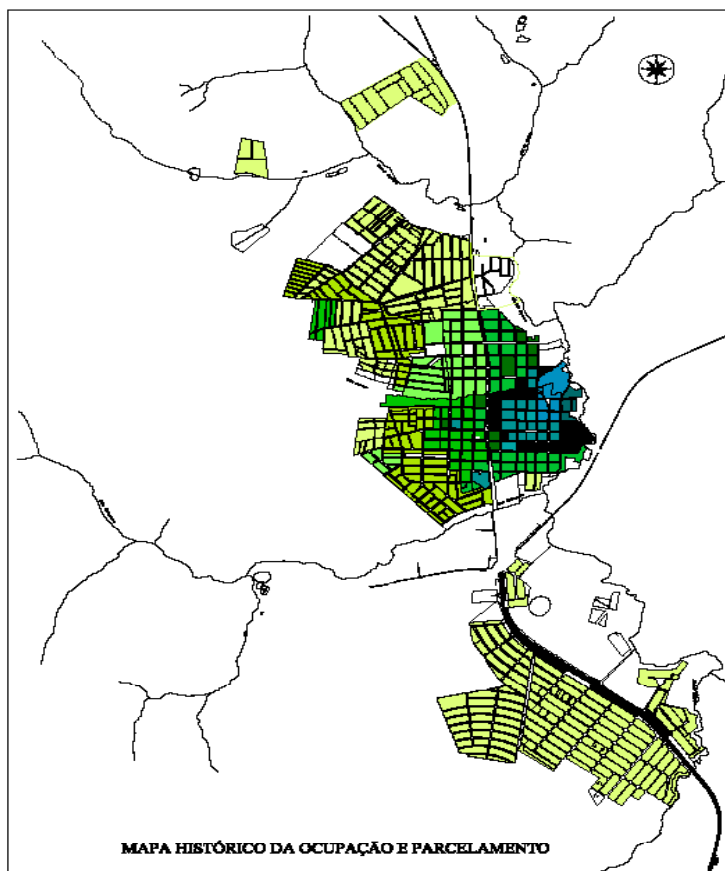


Figura-2: Malha urbana de Nerópolis. Fonte: Arca, 2003

Percebe-se que a especulação imobiliária aliada à falta de conscientização e de valorização das espécies nativas por parte da população, são fatores que contribuem para a ausência de espécies da região compondo a paisagem urbana. A falta da representatividade vegetal na historia de uma cidade, principalmente pela grande contribuição que a vegetação desempenha demonstra o descaso que ainda persiste sobre esta realidade, não atribuindo á espécies o legado que elas merecem como elemento da cultura local.

A ARBORIZAÇÃO NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Para o levantamento dos dados sobre os aspectos da arborização da cidade de Nerópolis, empreendeu-se um trabalho de campo, catalogando as espécies existente, sua condição ambiental e a distribuição no espaço urbano, este trabalho se consolidou através da verificação da parte central, ou seja, a parte histórica da cidade, que inclui as quadras 12, 13, 24, 31, 40 e 41 que se encontram divididas pelas ruas, João Guerra, Getulino Artiaga, Roberto Roncato (antiga rua Goiânia), Aderbal de Oliveira, Pedro José Carvalho, as ruas transversais são Josefina Ludovico de Almeida, Narceu de Almeida, Agenor Caldas (antiga J. Estival). Na parte central se encontram as quadras 25 e 30, onde estão estruturadas a praça e igreja matriz São Benedito (Figura 03).

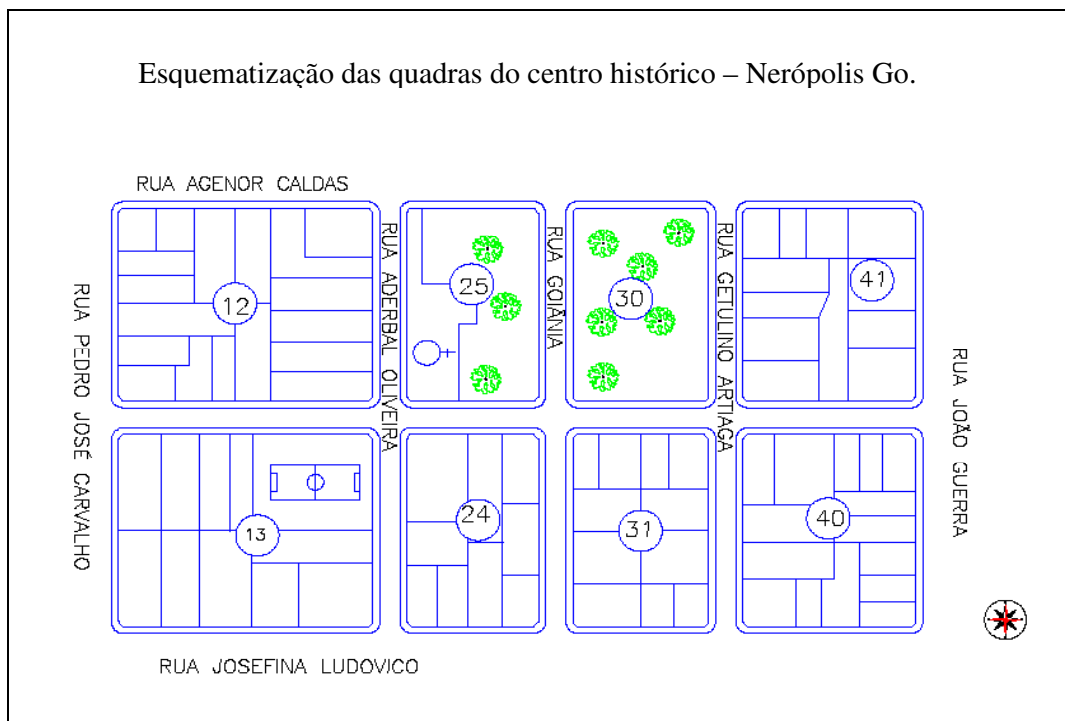


Figura 03: Detalhamento das quadras utilizadas no levantamento da arborização urbana.
Fonte: Departamento de Urbanização da Cidade. Adaptação: Itii, 2011.

O objetivo do estudo da parte central da cidade, considerada o centro histórico foi para verificar a presença de remanescentes de espécies nativas arbóreas da região. Pois, as espécies arbóreas pertencem a um grupo de plantas muito utilizada na arborização urbana.

No levantamento realizado nas quadras e ruas citadas anteriormente constatou-se a presença de 166 árvores, com 21 espécies, sendo que deste total apenas 2 espécie são nativas do bioma cerrado, denominada quaresmeira 01 (*Tibouchina granulosa*) bacuri 05 (*Scheelea phalerata*). Enquanto que 07 espécies são nativas de outros ecossistemas brasileiros e 12 espécies são de origem de outros continentes (América Central, Ásia e Oceania). Conforme demonstrado na tabela 01 a seguir.

Estes dados demonstrados na tabela 01 revelam a falta de conhecimento e valorização das espécies nativas do Sistema Biogeográfico do Cerrado quanto a sua importância ecológica, beleza paisagística, e patrimônio histórico, haja vista que grande parte das espécies relacionadas no levantamento são de origens exóticas.

Outro recurso utilizado para a obtenção de dados sobre a história da arborização de Nerópolis foi a oralidade por meio de entrevistas com moradores mais antigos do município, onde obteve-se as seguintes informações: entrevista realizada no dia 10 de setembro de 2011, com o personagem A, nascido e morador a 75 anos no Município relata sobre o processo histórico da arborização de Nerópolis conforme abaixo descrito:

“O cerrado que existia na cidade era de árvores altas, e tinha muito pé de jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), angico (*Anadenanthera peregrina*), ipê roxo (*Tabebuia impetiginosa* Mart.Stand), canela branca (*Nectandra megapotamica* Spreng. Mez), ingá comum (*Edulis inga*), mandiocão (*Didymopanax morototoni* Aubl. Dcne. et Planch.) e garapa (*Apuleia leiocarpa* Vog. Macbr.)”.

Conforme a narrativa do personagem A percebe-se que o ecossistema acima descrito era de mata estacional semi decidual do sistema biogeográfico do cerrado e que ao longo dos anos foi sendo substituído por espécies exóticas e de outros ecossistemas brasileiros e continentais.

Depoimento da personagem B entrevista realizada no dia 17 de setembro de 2011.

”Moro em Nerópolis há 59 anos a praça tinha palmeiras guariroba, um pé de jenipapo ao lado da igreja perto do salão paroquial, muitos pés de saboneteira (*Sapindus saponaria* L.), e ipê (*Tabebuia impetiginosa* Mart.Stand). As duas ruas principais era a rua João Guerra e a rua Goiânia, atual Roberto Roncato. Não tinha asfalto e passava muitos carros de bois”.

Tabela: 01- relação das espécies catalogadas na área de estudo- Fonte: Lorenzi, 2003.

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	ORIGEM	QUANTIDADE
<i>Annona muricata</i>	Graviola	Antilhas	1
<i>Araucaria columnaris</i>	Pinheiro	Nova Caledônia	1
<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Jaca	Índia	1
<i>Bauhinia forficata</i>	Pata de vaca	Mata Atlântica	4
<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	Sibipiruna	Mata Atlântica	9
<i>Erythrina indica</i>	Brasileirinha	Filipinas, Índia	1
<i>Lagerstroemia indica</i>	Resedá rosa	Índia	1
<i>Licania tomentosa</i>	Oiti	Caatinga e mata atlântica	64
<i>Ligustrum lucidum</i>	Alfeneiro	China	2
<i>Murraya paniculata</i>	Murta	Índia	6
<i>Pachira aquática</i>	Manguba	Amazônia	4
<i>Pimenta dioica</i>	Pimenta- da-Jamaica	Jamaica, Cuba	2
<i>Punica granatum</i>	Romã	Irã	1
<i>Roystonea oleraceae</i>	Palmeira imperial	Antilhas	1
<i>Scheelea phalerata</i>	Bacuri	Amazônia e cerrado	5
<i>Schinus molle</i>	Esquinosmole	Mata Atlântica	2
<i>Sapindus saponaria</i>	Saboneteira	Amazônia	1
<i>Tibouchina granulosa</i>	Quaresmeira	Mata Atlântica e cerrado	1
Total			166

Conforme a narrativa acima e o registro nas figuras 04 e 05 a seguir, percebe-se que havia espécies desde 1954, o que reafirma o dito anterior dos personagens (A e B). E que devido ao processo de urbanização foram sendo substituídas por construções e demais estruturas componentes dos equipamentos urbanos.

Além do trabalho de campo e das entrevistas utilizou-se também como fonte de conhecimento a bibliografia existente sobre a arborização urbana e sua importância no contexto da humanização do espaço. Segundo Carlos (2007), a vida das pessoas se modifica com a mesma rapidez com que se reproduz a cidade. O lugar da festa, do encontro quase desaparece, o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui – as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; árvores são destruídas, praças transformadas em concreto.

Nesse sentido, Stringheta (2005) citado por Brun, Tomazetti e Brun (2006, p.78) “coloca que o ato de arborizar cidades surgiu da necessidade de se manter o vínculo com a natureza, compensando, de certa forma, as angústias criadas pelas complexidades da civilização moderna, pois a arborização urbana humaniza os espaços das cidades, permitindo que se desfrute a denominada ‘qualidade de vida’.



Figura 04: Igreja São Benedito ano de 1954 - Fonte: arquivo da Sr^a Nara Cristina Ferreira da Silva.



Figura: 05 Rua João Guerra, 1954- Fonte: arquivo da Sr^a Nara Cristina Ferreira da Silva.

A árvore é o vegetal mais presente na vida e no ciclo histórico do homem. A princípio era utilizada como combustível para alimentar as fogueiras dentro das cavernas, depois como arma de caça, hoje esta inserida no cotidiano do homem nas mais diversas formas. Porém a inserção da árvore no contexto urbano é recente na história dos povos (SANTOS e TEIXEIRA, 2001).

A vegetação depois de muito explorada, não despertou o sentimento de que deve ser preservada, pois segundo Santos e Teixeira (2001, p. 11.) “Conceber uma cidade sem vegetação é negar sensações, sentimentos e recordações”.

Para Hillman (1993) citado por Santos; Teixeira, (2001) “[...] as árvores representam nossos modelos beleza e, portanto, refúgios para a alma”.

Conforme Pinheiro (2003) a arborização enquanto bem material, por si só, traz a representação dos significados da importância ambiental, seus valores históricos e culturais, agregam um novo bem imaterial que é o do sentimento.

A escala de privatização do homem atual e sua crescente individualização fazem com que todos os elos de ligação da memória coletiva se rompam e o sentimento de um imenso vazio acaba por se instalar no centro de nossa existência. Essa perda de referência com qualquer sentido coletivo, além de deixar de projetar perspectivas futuras faz aumentar a sensação de perda de vínculo com o passado preste a se desfazer definitivamente. Não apenas os marginalizados alimentam do desejo de recuperar o seu passado desaparecido, são todos os corpos intelectuais ou não experimentam o desejo de partir para a pesquisa de sua própria constituição, de reencontrar as suas origens (DECCA, 1991).

A arborização urbana enquanto patrimônio natural contribui para a sobrevivência física da humanidade, e enquanto patrimônio cultural é a garantia de sobrevivência social dos povos, porque é produto e testemunho de sua vida (SOUZA FILHO, 1999). Na verdade esses valores são imprescindíveis para que uma cidade possa se humanizar.

A vegetação deve ser preservada pelo seu valor simbólico e que não pode ser substituído, que torna testemunho de uma emoção, de uma lembrança, de uma história que insiste em guardar e salvaguardar para outras gerações.

De acordo Adams (2002, p.116) aborda que:

No âmbito da globalização, o discurso da importância da questão ambiental, da ecologia conceitos do tipo “o politicamente correto” e a “qualidade de vida” se firma como tendências mundiais, inseridas na mídia diária. O mesmo acontece, de forma mais sutil, com a valorização daquilo que remete ao passado. Neste contexto, o interesse pelos “valores culturais” pode ser considerada uma oportunidade, desde que embasado no efetivo resgate desta identidade, da memória, das raízes que são suporte de nossa existência. São justamente os substratos históricos que conferem materialidade a essas expressões, um sentido de lugar e identidade às cidades e sua continuidade histórica. A essencialidade da memória reside no fato de que é por ela que se dá a relação com a variável temporal, fundamental para o desenvolvimento e a continuidade de nossas existências.

Ainda o mesmo autor afirma que: “A essencialidade da memória reside no fato de que é por ela que se dá a relação com a variável temporal, fundamental para o desenvolvimento e a continuidade de nossas existências (p.17)”

A presença de árvores nas cidades foi acompanhada da tendência e evolução tecnológica junto com as modificações na forma de relação do homem com a natureza, pois a vegetação foi altamente menosprezada em função do desenvolvimento, a ideia de vegetação densa era significado de atraso da cidade que ansiava por desenvolvimento.

Que segundo Pinheiro (2003 p.11) “Os seres humanos introduzem nos territórios naturais suas formas de organização social, suas tecnologias e métodos de intervenção desenvolvimento, deixando as suas marcas impressas na paisagem”.

A importância da arborização no Sul do Brasil apresentou maior amplitude, sendo uma ligação das raízes históricas dos imigrantes, que introduziram várias espécies do país de origem. Que segundo Backes e Irgan (2004) citado por (BRUN; TOMAZETTI e BRUN, 2006) comentam que algumas árvores são marcantes na cultura paisagística étnica das diferentes regiões culturais do sul do Brasil, como o Plátano (*Platanus occidentalis* L.) para os italianos, o Cipreste (*Cupressus lusitanica*) para os portugueses, os Pinheiros (*Araucária angustifolia*) para os alemães e asiáticos, pois possuem alguma razão cultural para seu uso, seja para produzir sombra, alimento, utensílios ou simplesmente embelezar a paisagem e talvez evocar algo da terra ancestral.

Que possibilita resgatar a história de uma comunidade onde a vegetação faça parte desse contexto, despertando sentimento para vegetação que sempre nos serviu. Ainda persiste um antagonismo na relação homem/natureza, que com a degradação da vegetação urbana, em nome do desenvolvimento. Onde sua existência é cobrada em dias de calores intensos (PINHEIRO, 2003).

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos possibilitaram constatar-se que os habitantes das cidades nunca souberam valorizar as espécies nativas de uma região como componentes da história e da construção do espaço urbano. O elemento vegetal utilizado na arborização não aparece e nem é contemplado como patrimônio incorporado à arquitetura das cidades. Esta realidade é facilmente constatada quando se observa na arborização urbana, que a espécie nativa foi substituída pela exótica, demonstrando o desprezo pela riqueza da flora local. A arborização das cidades brasileiras que se estendeu pelo interior do país, nada mais é do que uma cópia de um planejamento urbano Europeu.

A vegetação nativa era vista como um elemento que na realidade não se associava ao desenvolvimento, sendo um símbolo de atraso, dessa forma, não se preservou as espécies que fizeram parte da vida da população, como as frutíferas pequi (*Caryocar brasiliense*), mangaba (*Hancornia speciosa*), jenipapo (*Genipa americana*), ingá (*Inga laurina*), jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*) etc. as árvores utilizadas como madeiramento jequitibá (*Cariniana estrelensis*), peroba (*Aspidosperma cylindrocarpum*), ipê amarelo da mata (*Tabebuia vellosi*), guatambu (*Aspidosperma parvifolium*), aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), cedro (*Cedrela fissilis*), espécies medicinais como a quina (*Strychnos pseudoquina*), barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), sucupira (*Bowdichia brasiliensis*), sangra d'água (*Croton urucurana*), douradinha (*Palicourea coriacea*), manacá (*Spiranthera odoratissima*), etc. e as espécies utilizadas como lenha para produção de alimentos como o angico (*Anadenanthera peregrina*), sobre (*Emmotum nitens*), carvoeiro (*Sclerolobium paniculatu*), vinhático (*Plathymenia reticulata*) etc. Estes recursos vegetais que foram tão explorados no passado para impulsionar o desenvolvimento das cidades não obtiveram o seu reconhecimento como um patrimônio histórico na construção das cidades, portanto não existe um sentimento formado em relação as espécies nativas, dificultando inclusive a sua preservação.

Os estudos realizados no município de Nerópolis- Go evidencia que a população do passado não demonstrou nenhum sentimento pela perda do que existia, nem tão pouco a população atual por meio do poder público, procurou realizar uma arborização que não contemplasse as espécies nativas da região, pois o que existe na arborização da cidade é um conjunto de espécies exóticas que não fizeram parte da construção e do desenvolvimento da mesma.

Portanto, os dados obtidos tornam-se instrumentos que foram elaborados no sentido de chamar atenção do poder público e da sociedade em geral sobre a questão, não se pode admitir que uma cidade ao apresentar seu patrimônio histórico deixe de fora os componentes da flora, a melhor forma de representar e valorizar este elementos vegetais é por meio da arborização urbana, que na verdade é um patrimônio vivo que compõe a história de um povo que valoriza as suas origens. O que não ocorre no referido município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAMS, Betina. Preservação urbana: gestão e resgate de uma história. Florianópolis: UFCS, 2002, 192p.
2. ARCA - ASSOCIAÇÃO PARA RECUPERAÇÃO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: Plano diretor do município de Nerópolis- GO. 2003.
3. BRUN, Flávia Gizele Konig; TOMAZETTI, Elizete Medianeira; JOSÉ BRUN, Eleandro. Arborização uubana como forma de reflexão sobre a relação homem / natureza no meio ambiente urbano. In: Revista de estudos ambientais. Blumenal-SC. v.b, n.2, p.73-84, jul/dez 2006.
4. CARLOS, Ana Fani. Repensando a geografia. São Paulo:Contexto. 2007.
5. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE 2010 -. Mapas estaduais. Disponível em: <http://www.ibege.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?>. Acesso em: 10 de jun 2012.
6. LORENZI, Harri, et al. Árvores Exóticas no Brasil: Madeiras, Ornamentais e Aromáticas. Nova Odessa, Ed. Plantarum. 369p. 2003.
7. MACEDO, S. S. Quadro do Paisagismo no Brasil. São Paulo: FAU USP, Coleção Quapá, v.1, 1999, 144 p.
8. PINHEIRO Nilvani Gonçalves. O pé de jatobá: símbolo de uma paisagem natural cultural. 2003. Mestrado (Patrimônio profissionalizante em gestão cultural) – Instituto Goiano do Patrimônio Arqueológico – IGPA – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO. 2003.
9. PLANO MUNICIPAL DE LOTEAMENTO DE NERÓPOLIS (PMLN), Secretaria de Planejamento, Neropolis: Biblioteca Municipal, 1982, 4 p.
10. SANTOS, Rejane Zamberlan; TEIXEIRA, Ítalo Filippi. Arborização de Vias Públicas: Ambiente x Vegetação. Santa Cruz do Sul- RS: Instituto Souza Cruz, 2001.

